

Neste documento encontraram-se todas as informações sôbre tão importante assumpto. Por elle se prova que o governo é senhor de todo o morro de Sancto Antonio.

Peco, porém, venia para uma pequena lembrança, tendente a salvaguardar direitos da nossa Municipalidade. Em grande parte do morro o Governo só pôde ter o dominio util; o directo pertence ao partido do municipio do Districto Federal.

Basta ver as duas medições da sesmaria da Camara (1667 e 1753).

Todos os terrenos, além da linha de demarcação, são foreiros á Municipalidade.

Ora ahí está como, sem querer, caí em pleno dominio dos soporíferos alfarrabios.

Domingo, 2 de Outubro de 1910.

A ACCLAMAÇÃO

(12 DE OUTUBRO DE 1822)

Proclamada em 7 de Setembro de 1822 a Independencia do Brasil, o principe d. Pedro dirigiu-se, logo após, de São Paulo ao Rio de Janeiro.

Em menos de oito dias transpoz a cavallo a immensa distancia, que separa estas duas localidades.

Tal fôï a pressa da viagem, que foi deixando em caminho extenuados de fadiga e com os cavallos estropiados e caídos os personagens do séquito.

— Quasi só, chegou a esta cidade e na noite de 15 de Setembro apresentou-se no real theatro de S. João, levando no braço esquerdo a legenda em letras de ouro — *Independencia ou Morte*.

Descrevem os jornaes do tempo o júbilo e o enthusiasmo da população, vendo de perto o homem considerado então o primeiro dos patriotas, o defensor perpetuo desta grande terra.

Não se calculam as explosões de dedicação, de quasi phanatismo, com que era saudado o heróe do Ipiranga, como lhe chamavam todos quantos haviam contribuido para os successos que se vinham desenrolando desde a partida do rei d. João VI.

Fundado o Imperio, era urgente a aclamação do monarcha. O Senado da Camara composto de José Clemente Peireira, juiz de fóra e presidente dos vereadores, João Soares de Bulhões, José Pereira da Silva Manuel, Domingos Vianna Gurgel do Amaral, do procurador José Antonio dos Santos Xavier, reuniu-se em sessão extraordinaria em 10 de Outubro de 1822.

A esta importante reunião estiveram presentes os homens bons, que no Senado haviam servido, bem como os mais dignos cidadãos de todas as classes civis e militares. Dirigiu-lhes a palavra José Clemente, dizendo-lhes ser necessario quanto antes a aclamação de d. Pedro como imperador do Brasil, e que o Senado, á vista do consenso de diversas Camaras não só do Rio de Janeiro, como de Minas, Espirito Sancto e S. Paulo, havia deliberado escolher o dia 12 de Outubro para aquelle solennissimo acto. Convocava o povo para receber sua definitiva opinião com absoluta franqueza e plena liberdade. Foi tudo approvedo, e os populares que enchiam o largo de S. Francisco de Paula, ao saberem da resolução, proromperam em vivas.

Ficou assentado que o Senado e os procuradores das Camaras aclamariam em público o imperador. Devia-lhe ser grata a escolha dessa data, porque em tal dia completava o principe 24 annos. E eis porque a cidade do Rio de Janeiro anciosamente esperava o amanhecer de 12 de Outubro.

Para tal fim vestiu-se de galas. Juncavam as ruas folhas e plantas aromaticas; colchas de sêda pendiam das janellas. Por toda parte bandeiras e galhardetes.

Aqui e alli erguiam-se arcos triumphaes, sendo os mais notaveis: o da rua de S. Pedro, no Campo de Sanct'Anna, dedicado á nova patria de Pedro; o da praça da Constituição, dedicado ao Genio brasileiro; o da rua do Ouvidor na embocadura da rua Direita, dedicado ao amor conjugal; o da rua do Ouvidor ao sair ao largo de S. Francisco, dedicado ao commercio; o da rua Direita, dedicado á prosperidade do Brasil. Em diversas ruas viam-se coretos, que a seu tempo seriam occupados por bandas de musica.

Para a cerimonia fóra escolhido o palacete do Campo de Sanct'Anna, convenientemente reedificado, e de cujas janellas e varanda pendiam alcatifas de velludo com franjas de ouro. Tudo estava prestes para o acto que se ia realisar. "Nesse dia suspirado que, no dizer de um dos órgãos da imprensa, devia pôr o sello á gloria do Brasil. Assomou nos seus horizontes uma radiante luz, que afugentou para sempre as trévas da sua escravidão. Dardeja do seu zenith um novo astro, eclipsando as estrellas que esmaltam o firmamento.

Dia afortunado, tũ alvoroças os corações dos verdadeiros amigos da patria; tũ fazes a vergonhosa confusão dos seus infames contrários! E' superfluo dizer: o faustissimo dia 12 de Outubro, origem da nossa felicidade, desempenho do nosso patriotismo."

Manda a verdade historica declarar que, pelo contrario, o dia esteve carrancudo. Negras nuvens annunciavam proxima borrasca. E é isto tão verdadeiro que, terminada a cerimonia e dirigindo-se o preslito para a Capella depois Imperial, desabou formidavel aguaceiro. O novo imperador teve, pois, de caminhar sob um diluvio de *agua* e de *flores*, segundo expressão de várias testemunhas. Essa mudança meteorologica está assignalada na estampa da obra de Debret. Nella se nota com precisão o grande numero de chapéos de chuva abertos pelo *zé povinho*, que nas redondezas do palacete assistia a grandiosa cerimonia.

Houve, logo pela manhã, salvas das fortalezas. A's 9 horas entravam no Campo os corpos da 1ª e 2ª linha, a primeira commandada pelo brigadeiro José Maria Pinto Peixoto e a segunda pelo coronel Lazaro José Gonçalves. Já a este tempo era immenso o concurso de povo e de espectadores, que occupavam as janellas da grande praça, os telhados e os morros de Sancto Antonio e Castello.

Pelas 10 horas da manhã, saiu d. Pedro do Paço da Boa Vista, acompanhado de sua esposa, da princesa d. Maria da Gloria. Precedia os carros de gala uma guarda de honra composta de Paulistas e Fluminenses. Seguiam-se tres moços da estribeira, sendo um indio, outro mulato e o terceiro negro.

"Apenas entraram na mencionada praça, diz o jornal do tempo, do qual extraio estas noticias, começaram os mais altos e frequentes vivas, escassos testemunhos do júbilo que dominava em todos os corações. O innumeravel concurso de povo que se disputava a preferencia em fieis demonstrações, seguia seu augusto soberano, que, apeando-se juncto ao palacete, subiu ao mesmo e com a sua costumada affabilidade correspondeu aos porfiçosos vivas pela sua gloria e prosperidade."

Chegado o momento do acto, dirigiram-se d. Pedro e familia, os ministros, o Senado da Camara e canaristas para a Varanda. Na estampa de Debret vê-se perfeitamente a posição de cada um dos personagens. Tomou a palavra José Clemente e dirigiu a d. Pedro extenso, eloquente e patriótico discurso. Diz Vasconcellos de Drummond, que o juiz de fóra presidente do Senado mostrara a José Bonifacio a minuta do discurso, que este a approvou, e que José Clemente alterara em muitos logares a mensagem, introduzindo expressões pouco

convenientes. Entretanto, quem lê as palavras de José Clemente nada encontra que não esteja de accôrdo com a solennidade.

D. Pedro respondeu: "Acceito o titulo de imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, porque tendo ouvido o meu Conselho de Estado e de procuradores geraes, e examinando as representações das Camaras das differentes provincias, estou intimamente convencido que tal é a vontade geral de todas as outras, que só por falta de tempo não têm ainda chegado."

"A esta resposta, diz o jornal contemporaneo, de que pendia a sorte do Brasil, seguiu-se a scena mais tocante que os olhos viram nem jámais verão. Quem será capaz de descreve-la, por mais que seus talentos superem os nossos ou ainda dos genios mais abalisados? O coração não cabia no peito; queria saltar fóra do seu estreito recineto; estavam todos como abafados do peso do prazer; uns se abraçavam; outros se davam os parabens; lagrimas sinceras corriam dos olhos de todos e iam se mixturar com as do nosso grande imperador, que dava pleno desafôgo á sensibilidade da sua alma, opprimida da alluvião de paixões que a assaltavam."

A artilharia começou logo a salva imperial de 101 tiros seguidos de boas descargas da infantaria. Então José Clemente ergueu os seguintes vivas: á nossa Sancta Religião, ao imperador constitucional, á imperatriz, á dynastia de Bragança, á Independencia, á Assembléa Geral Constituinte Legislativa e ao povo constitucional do Brasil. Acabado o pomposo acto, a imperatriz seguiu de carro para a Capella (hoje archicathedral).

O imperador preferiu seguir a pé, apesar da muita chuva que então caía. Na grande multidão que acompanhava o prestito viam-se os patriotas levando ao peito folhas da independencia. Destacavam-se as casacas verdes com botões amarelllos e os vestidos tambem verdes e amarelllos de setim ou sêda da India.

Caminhava o imperador sob rico pallio, feito para a festividade, e cujas varas eram sustentadas pelos procuradores das camaras das differentes villas. Na frente levava o procurador do Senado do Rio de Janeiro o estandarte da mesma, inteiramente novo. Após caminhavam os vereadores presentes e passados, os chamados bons. Depois do pallio seguiam-se os grandes, o ministerio, os altos funcçionarios e as grandes patentes da marinha e guerra. Em seguida marchava toda a tropa.

O cortejo tomou pelas ruas hoje da Constituição, Praça Tiradentes, Sousa Franco, Largo de S. Francisco de Paula,

Ouvidor e rua Primeiro de Março. No adro da Capella aguardava a comitiva o bispo Coutinho e o Cabido. D. Pedro beijou de joelhos o Sancto Lenho e dirigiu-se ao throno armado na capella-mór. Foi celebrado *Te-Deum*. Findo este, dirigem-se o monarcha e o numeroso cortejo ao Paço da cidade. Ahi chegados, repetiram-se as salvas de 101 tiros e as descargas festivas. Houve beija-mão dado a todos quantos quizeram participar de tal honraria, e "concorreram a felicitar a d. Pedro I pela seu faustissimo natalicio e offerecer os leaes votos de inabalavel adhesão, respeito e fidelidade, pela alta dignidade a que suas incomparaveis virtudes o elevaram, sustentando o magestoso throno que assombrava o universo, sôbre o amor de um povo que adoptou por ermão e que jurou defender como pae e amigo".

Durante este tempo replicavam os sinos de todas as egrejas e foguetes e gyrandolas cortavam o ar. Houve illuminações. Duraram seis dias. Na noite de 12 compareceu o imperador e sua côrte ao espectaculo de gala no theatro de S. João. Representou-se o drama *Independencia da Escossia*. Enthusiasmos, vivas, flores, foram a synthese desta noite memoravel.

No dia seguinte continuaram as festas. D. Pedro assiste na Capella á missa pontifical celebrada pelo prelado. Prégou frei Francisco de Sancta Tereza de Jesus Sampaio, patriota e politico e um dos coripeus da Independencia. Fallou nòs Assyrios, Persas, Macedonios e Romanos, em Christovão Colombo, nos imperios do Mexico e do Perú, em Pizarro e em Cortez. Seguiu-se outro *Te-Deum*.

A' noite gosou-se no theatro do mesmo espectaculo do dia precedente, sendo sómente novas as composições poeticas e o drama, que, neste dia, foi outro. Sua Magestade, diz o jornal *Espelho*, resumindo e entusiasmo, havia sido conduzido em grande estado, como fica dicto, e o brilhante concurso esmaltava esta noite de júbilo. A illuminação foi mais brilhante que na noite precedente, em razão do tempo mais favoravel, e os fogos de artificio se succederam com a mesma frequencia."

Reverso da medalha — 7 de Abril de 1831. Povo e tropa estavam em attitudo hostile neste mesmo Campo da Acclamação. Nove annos depois perdêra d. Pedro a sympathia de todos quantos derramavam lagrimas de contentamento no dia 12 de Outubro tão cheio de esperanças. Perseguiu e desterrou os patriarchas da Independencia, dissolveu a Constituinte, entregou-se a desmandos amorosos, affrontando a opinião pública. Cercado de maus conselheiros exqueceu os seus juramentos de ser o perpetuo defensor da nação, que o elevou

ao cargo do seu primeiro magistrado. Os verdadeiros liberais afastaram-se do monarca. Houve até "corcundas" que aconselharam ao trefego e inexperiente moço a declarar-se absoluto. Os implicados na Confederação do Equador, sujeitos a commissões militares, enforcados e fusilados, pagaram a audácia de ter querido a patria livre e independente promettida pela Constituição de 1824.

Negras nuvens amontoavam-se no horizonte politico. A tempestade era imminente. Estalou o raio das iras populares; o quasi semi-deus de 22 embarcava-se, abandonado na ponte de S. Christovam, para buscar abrigo a bordo de navio estrangeiro.

Chorou de arrependimento, dizem, nesta memoranda madrugada. Na hora extrema teve ao menos um rasgo cavalheiresco. Entregou o berço do filho, que dormia innocentemente nos paços da Boa Vista, ao velho José Bonifacio, a quem elle imperador expulsára do Brasil, no meio das vaias dos moleques e capadócios.

A historia é considerada mestra da vida. Si as lições que offerece pudessem servir de ensinamento, quantos erros, quantas calamidades e até quanto sangue poupados!

Domingo, 9 de Outubro de 1910.

19 DE OUTUBRO

Ha na nossa archi-cathedral em uma capella funda do lado da Epistola, a imagem de São Pedro de Alcantara. Veio de Roma para ser offerecida a d. Pedro I. E' de marmore. Está de joelhos, braços abertos e olhos erguidos para o céu.

Este sancto hispanhol, nascido em 1499 e canonizado pelo papa Clemente IX em 1699, foi outr'ora festejado com muita pompa por ser considerado — patrono onomastico dos nossos dous imperadores. E esta commemoração realiza-se, conforme ordem da Egreja, no dia 19 de Outubro, data do obito daquelle bemaventurado. Tal dia lembra tambem a personalidade de frei Francisco de Mont'Alverne, illustre Carioca, luzeiro da tribuna sagrada, émulo de Rodovalho, S. Carlos, Sampaio, Januario e tantos outros eloquentes oradores, ante cujos rasgos oratorios se extasiavam os nossos avós.

Foi em 19 de Outubro de 1854 que Mont'Alverne pronunciou esse magnifico sermão ou panegyrico de S. Pedro de Alcantara, cuja lembrança gera ainda enthusiasmo nos poucos